

CLASSIFICAÇÃO DE RISCO

Mercados vivem “tensão pós-rebaixamento” dos EUA

Ministros das principais economias passaram o fim de semana se reunindo, mas bolsas do Oriente Médio já acusaram o baque

PARIS E WASHINGTON

Agência Estado

Ministros de Finanças do G7 e do G20 reuniram-se três vezes em conferências telefônicas no fim de semana com o objetivo de traçar uma estratégia para acalmar os investidores antes da abertura dos mercados da Ásia, na noite de ontem. A pauta foi dominada pelo rebaixamento da nota dos títulos públicos dos Estados Unidos pela agência Standard & Poor's e pela crise das dívidas da Europa.

Uma amostra do pânico já veio do Oriente Médio, onde as bolsas abrem no fim de semana. Na Arábia Saudita, a bolsa de Riad, a única a funcionar no sábado, caiu 5,45%. Ontem, ela perdeu 5,5% na abertura, mas fechou em 0,08%. Já a bolsa de Tel-Aviv, em Israel, teve o pregão de ontem interrompido após a abertura, quando o

índice TA-25 despencava 6,99% e o TA-100, mais amplo, estava em queda de 7,2%. Em Tóquio, no Japão, a abertura da segunda-feira foi menos dramática. Às 22h50 (horário do Brasil) de ontem, o índice Nikkei 225 caiu 1,35%.

Ontem à noite, os ministros do G7 (Estados Unidos, Canadá, Japão, Alemanha, França, Reino Unido e Itália) emitiram um breve comunicado. “Comprometemo-nos a adotar ações coordenadas quando necessário, para garantir liquidez e para ajudar no funcionamento dos mercados financeiros, na estabilidade financeira e no crescimento econômico”, disseram. O grupo, no entanto, não fez referência a uma possível intervenção conjunta no mercado de câmbio.

Os ministros do G20 também discutiram a crise por telefone no sábado à noite, horário do Brasil. De acordo com o ministro adjunto de Economia da Coreia do Sul, Choi Jong-Ku, nenhum detalhe seria fornecido ao público. Jong-Ku fez apenas um sinal de confiança aos EUA, afirmando que seu país não abandonará os títulos da dívida americana, mesmo com o rebaixamento de AAA — o grau máximo — para AA+. “Nenhuma alternativa fornece tal estabilidade e liquidez”, justificou.

Casa Branca

Ao contrário dos dois domingos anteriores, quando o presidente dos EUA, Barack Obama, fez pronunciamentos públicos para acalmar a abertura dos mercados na Ásia, ontem a Casa Branca manteve-se calada. A única exceção foi a repercussão positiva da decisão do secretário do Tesouro, Timothy Geithner, de manter-se no cargo durante todo o período de campanha eleitoral de 2012.

Também ontem, o ex-conselheiro-chefe de Obama para a área econômica, Lawrence Summers, advertiu na CNN para o risco de uma nova recessão — a segunda, desde 2008 — e atacou a tomada de decisão pela S&P em um momento de debilidade da economia americana.

Sobem apostas em novo pacote de ajuda do Fed

SÃO PAULO

Agência Estado

O nervosismo dos mercados globais deverá forçar o Federal Reserve (Fed) a sinalizar mais ajuda à economia americana amanhã, após a reunião do Comitê de Política Monetária (Fomc, na sigla em inglês) para definir as taxas de juros. Mesmo que nenhuma medida oficial seja anunciada, os analistas internacionais esperam reação do Fed para tentar acalmar os investidores e autoridades mundiais, por meio do comunicado após a reunião do Fomc, que deverá manter a taxa de juros americana entre zero e 0,25%.

"O Fomc deverá deixar aberta a porta para a adoção do QE3 [programa de afrouxamento quantitativo] no comunicado após a decisão sobre juros", disse à reportagem o diretor para mercados emergentes do banco RBC

Capital Markets, em Toronto (Canadá). "Se houver uma forte queda nos mercados financeiros internacionais, o Fed terá de acalmar os investidores e neutralizar essas pressões de baixa, afirmando no comunicado que está mais inclinado à ideia do QE3", acrescenta.

Histórico

Os programas de flexibilização quantitativa foram essenciais desde o fim de 2008 para evitar uma contração econômica mais forte dos EUA, pois deram um fôlego maior para famílias e empresas americanas ao baixar o custo dos financiamentos e das dívidas já contraídas. Na segunda rodada do programa de afrouxamento, o QE2, que terminou em junho, o Fed injetou US\$ 600 bilhões na economia americana ao comprar ativos. No QE1, o Fed gastou cerca de US\$ 1,7 trilhão entre março de 2009 e março de 2010.

RECUPERAÇÃO

Outros países levaram pelo menos 9 anos para voltar a AAA

WASHINGTON

Agência Estado

Ao falar ao programa *This Week*, da rede ABC, John Chambers, presidente do comitê de rating soberano da S&P, defendeu a decisão da empresa. "Pensamos que nossa mensagem foi bastante consistente e também avaliamos que os números falam por si", disse Chambers. Ele afirmou que cinco governos já perderam e reconquistaram o rating AAA pela S&P, e que levou de nove a 18 anos para isso. "Se a história pode servir de guia, pode levar um tempo", Chambers afirmou. Exigiria estabilização da dívida como parcela da economia e "mais habilidade para obter consenso em Washington do que observamos agora".

A agência de rating ficou sob críticas da administração Barack Obama em relação à decisão tomada. O Tesouro reclamou que a empresa agiu de forma precipitada ao rebaixar a classificação mesmo depois que um erro em suas projeções iniciais veio à tona, dizendo que há questões sobre a "credibilidade e integridade" da ação da S&P. "Esta é uma imagem incorreta sobre o que aconteceu", disse Beers na Fox. Ele disse que o erro não muda o fato de que "a carga subjacente da dívida do governo dos EUA está subindo e provavelmente continuará a subir na próxima década", mesmo com o acordo para a dívida obtido na semana passada. A S&P corrigiu o erro nos seus cálculos, mas manteve com o rebaixamento.

Histeria global não deve repetir os níveis de 2008, dizem analistas

RIO BRASÍLIA

Agência O Globo

■ O rebaixamento da nota norte-americana não deve ser suficiente para repetir o que houve de pior na crise de 2008, quando o crédito internacional secou e a recessão se espalhou por diversos países, inclusive o Brasil, segundo analistas. Ou seja, a mudança no rating dos EUA não deve ser o desencadeador deste processo, como foi a quebra do banco Lehman Brothers.

"[O rebaixamento] era uma decisão já antecipada com um dano forte na confiança, com mais conservadorismo nas decisões de consumo e investimento. Os Estados Unidos e a Europa estão num quadro de fragilidade enorme, com risco de estagnação econômica prolongada", afirma Alexandre Maia, economista-chefe da GAP Asset Management. Mas ele ressalva que, a não ser que a Alemanha deixe a Itália quebrar, o crescimento brasileiro deve ser reduzido para algo entre 3% e 3,5%.

Além disso, os especialistas não acreditam que haverá uma forte venda de títulos americanos, já que outras opções de investimentos — como papéis em euro ou iene — têm um grau de incerteza ainda elevado por causa da crise europeia e da estagnação japonesa.

Os efeitos maiores devem ocorrer nos mercados financeiros, que tendem a ficar mais

"O Brasil vai continuar com suas reservas em títulos americanos, já que não há muitas alternativas. O problema é o mundo ficar à mercê das disputas entre republicanos e democratas nos EUA."

Luiz Carlos Prado, professor de Economia Internacional da UFRJ.

voláteis ainda, com ajuste para baixo nos preços dos papéis.

O professor da PUC-SP Antônio Corrêa de Lacerda lembra que a situação fiscal norte-americana já era conhecida e se pergunta o motivo de a S&P não ter rebaixado os títulos antes. "Eles já erraram redondamente na crise de 2008/2009. Papéis ruins foram avaliados em tripla A. Há um certo oportunismo nessa história. Estão com a credibilidade abalada, à procura dos seus 15 minutos de fama", afirma.

Luiz Carlos Prado, professor de Economia Internacional da UFRJ, concorda. Para ele, o Tesouro americano é mais forte que a S&P. "O Brasil vai continuar com suas reservas em títulos americanos, já que não há muitas alternativas. O problema é o mundo ficar à mercê das disputas entre republicanos e democratas nos EUA", diz.

Para o economista-chefe da Máxima Corretora, Elson Teles, a situação se complica se outras agências de risco também rebaixarem as notas dos títulos norte-americanos. "O problema maior é o risco do duplo mergulho global. Os últimos indicadores americanos foram muito ruins e não há mais espaço fiscal e nem monetário para recuperar as economias europeia e americana. Há uma percepção de que teremos um crescimento baixo por muitos anos", afirma.

Segundo uma fonte da equipe econômica brasileira, o rebaixamento, além de ser esperado, não foi generalizado. Ou seja, foi efetivado por apenas uma das três grandes agências, o que não provoca a revisão imediata de aplicações de fundos de investimentos, por exemplo. Além disso, a dívida norte-americana ainda é classificada numa faixa que inclui os ativos mais seguros do mundo. Os títulos norte-americanos continuam sendo os mais negociados no planeta e com mais liquidez, diz a fonte.



Nir Elias/Reuters

Operadores da bolsa de Tel-Aviv, em Israel: o pregão de domingo foi interrompido logo depois da abertura, quando a queda chegava a 7%.